

# opinião

opinio@jornaldocomercio.com.br

## / PALAVRA DO LEITOR

### Minuto Varejo

O Armazém Moderno, varejo pequenininho, charmoso e mega de vizinhança, na Zona Norte de Porto Alegre, busca ajuda para não sair do local e acabar fechando. Mirela e a sócia Raquel Silva precisam conseguir R\$ 260 mil para não perder o ponto que ocupam há 19 anos (Coluna Minuto Varejo, JC, 08/07/2024). Se tem alguém que batalha são elas. Vamos à luta, pela nossa calçada amarela gurias. Juntos somos mais. A história das gurias é um exemplo de perseverança, pra frente sempre! (Manu Holztrattner)



### Minuto Varejo II

Vamos Armazém Moderno. Vocês fazem a diferença! (Samantha Pezzi Gomes)

### Vinícolas gaúchas

Após as chuvas intensas que atingiram o Rio Grande do Sul, o setor de turismo da Serra Gaúcha se mobilizou para retomar suas atividades e atrair turistas, especialmente de Porto Alegre e do restante do Estado. Entre os principais atrativos estão as diversas vinícolas de Bento Gonçalves, Garibaldi e Flores da Cunha. Das pequenas às grandes, os roteiros incluem degustação, piqueniques e almoço nos parreirais (JC, 05/07/2024). Ótimas dicas que fogem do convencional. Muito bom! (Matheus Cuti)

### Catamarã

Após 67 dias, os bancos do Catamarã voltaram a receber passageiros na manhã fria e cinzenta do último domingo. A retomada ocorreu com desconto nas passagens. O valor anterior de R\$ 16,85 foi reajustado para R\$ 10,00 (JC, 08/07/2024). Essa é a melhor notícia! Investimento no que dá certo. (Dirce S. Tomczak)

### Catamarã II

Graças a Deus, porque quem precisa depender dos ônibus da Guaíba, sofre. (Alex Berchon)

### Catamarã III

Adoro viajar no catamarã. Rápido, seguro e muito limpo. (Claudete Costa)

### Aeroporto

Ainda sem voos, mas a movimentação nos últimos dias já mudou o astral no Terminal de Passageiros do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, fechado há mais de 60 dias devido ao impacto da cheia histórica. O terminal está sendo preparado para ter embarques e desembarques a partir de 15 de julho (JC, 08/07/2024). Com um pouquinho de sorte não houve danos graves na pista e questão de um ou dois meses tudo normaliza. (Augusto Bilhalva Goulart)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## / ARTIGOS

# Tragédias climáticas e impactos na saúde mental

Bruno Luiz Guidolin

O som da chuva nunca mais será o mesmo para os gaúchos. Pelo menos nos próximos tempos, o ruído que, até então, trazia conforto e relaxamento, virou sinônimo de ansiedade e incertezas em relação ao que está por vir. A catástrofe climática de maio causou muito mais do que perdas de vidas e materiais: deixou cicatrizes emocionais profundas em toda uma população - direta ou indiretamente afetada.

As mudanças climáticas têm impactado muito mais em nossa rotina do que podemos mensurar. Para além daquilo que conseguimos enxergar e sentir - como chuvas, enchentes, temporais e temperaturas extremas -, existem questões que aparecem sutilmente, vindas do âmago das nossas mentes.

Há alguns anos, a Associação Americana de Psicologia e a ONG ecoAmerica cunharam o termo "ecoansiedade", que significa medo crônico da destruição ambiental. Anos antes, o filósofo e professor de sustentabilidade Glenn Albrecht identificou um conjunto de sintomas peculiares em uma comunidade australiana, o qual chamou de solastalgia, que seria uma angústia associada a mudanças no ambiente em que se vive.

Agora, pensemos no que aconteceu com milhares de gaúchos. Perder uma casa não é algo trivial. Ultrapassa os danos materiais. Em maio, as águas invadiram a intimidade de muitos. Arras-

taram consigo memórias - fotos, roupas, objetos e o que mais pudesse carregar. Tiraram, por fim, a segurança daqueles que tinham as suas residências como porto seguro e lugar de aconchego.

Embora a ecoansiedade ainda não seja considerada um diagnóstico clínico, é preciso estar atento a todo e qualquer sintoma de prejuízo da vida habitual. O período no qual estamos agora, intitulado de "reconstrução", também é tempo para se auto reconstruir. Compreender os próprios sentimentos faz parte do longo processo que temos pela frente.

Assim como nos preocupamos com a restauração de bens materiais, é fundamental olharmos para a reestruturação emocional daqueles que, de uma forma ou de outra, foram afetados pelas enchentes. Cuidar da saúde mental da população é uma das mais importantes iniciativas que poderemos ter. É, também, um passo rumo à reconstrução, mas, desta vez, da nossa essência como seres humanos.

Médico psiquiatra e coordenador do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Clínicas Ijuí

Ecoansiedade ainda não é diagnóstico clínico, mas é preciso atenção aos sintomas

# Cônjuge como herdeiro necessário no Código Civil

Fernanda Lins e Maria Magalhães

O anteprojeto de reforma do Código Civil, apresentado em tempo recorde e em tramitação no Senado, propõe a exclusão dos cônjuges da lista de herdeiros necessários. Atualmente, eles têm direito a herança e concorrem com os descendentes e ascendentes.

Se a mudança for aprovada, perderão esse direito. O lado negativo da proposta é a exclusão de direitos que haviam sido assegurados no Código Civil de 2002, o que pode trazer insegurança jurídica para as aqueles que contribuíram para a construção e acumulação do patrimônio do casal e que, dependendo do regime de bens eleito, podem ser prejudicadas patrimonialmente. Se aprovado, entendem alguns, será um retrocesso.

Sendo assim, o cônjuge só terá direitos sucessórios se não existirem herdeiros necessários, como descendentes e ascendentes, ou se for beneficiado em testamento pelo falecido. A Lei não mais lhe protegerá.

Com essa flexibilidade para determinarem

suas questões patrimoniais livremente, não há de se perder de vista casos que merecem atenção especial e têm gerado muita polêmica no âmbito de família.

É preciso atentar para a inviabilização do papel do cônjuge que opta por ser "do lar", responsável pelo trabalho doméstico, que abriu mão da sua profissão para cuidar dos filhos e da família ou que, por exemplo, mudou de cidade priorizando a carreira do outro em detrimento da sua própria o que, ainda hoje, não é incomum, principalmente quando há considerável disparidade na faixa salarial das partes envolvidas.

A comunhão plena de vida, o auxílio mútuo, são princípios do Direito de Família e, por esta ótica, pode não se mostrar razoável retirar a cônjuge, com quem se divide uma vida, da linha sucessória necessária, colocando-o em desigualdade em relação aos ascendentes e descendentes, que, não raro, sequer convivem com o casal. Por esse olhar, não faz sentido retirá-los da concorrência necessária.

A insegurança financeira para o cônjuge sobrevivente, nos casos em que há dependência econômica do falecido, é um fator muito sensível. É preciso o cuidado para que os vulneráveis não saiam prejudicados em nome da liberdade patrimonial irrestrita.

Advogadas e sócias do Fernanda Lins Advogados